



Era um peixe tão feio que nem parecia um peixe. Uma pedra feita de carne fria musgosa e invasiva, salpicada de verde e branco. A princípio não o vi, mas depois encostei a cara ao vidro e tentei ficar mais perto. Enterrado naquela vegetação inverosímil, a curva pendente dos beijos espessos, uma careta por boca. A pequena conta preta do olho. Cauda grossa raiada de manchas escuras. Mas não tinha mais nada identificável como peixe.

Este é dos feios.

A meu lado inesperadamente um homem de idade, a voz dele uma surpresa indesejada. Nunca ninguém falara comigo aqui. Espaços escuros, húmidos e quentes, um refúgio da neve lá fora.

Acho que sim, disse eu.

Aqueles ovos. Está a tomar conta deles.

Foi então que vi os ovos. Tinha pensado que o peixe estava parcialmente escondido atrás de uma anémona-do-mar branca, um cacho de grânulos redondos moles e brancos, mas via agora que não havia hastes, cada grânulo destacado, ovos como que pendurados dos lados do peixe.

Um peixe-sapo de três pintas, disse o velho. Não se sabe porque é o macho a guardar os ovos. Pode ser para os manter em segurança. Pode ser um engodo para os peixes mais próximos.

Onde estão as três pintas?

O velhote deu uma risadinha. Bem visto. Há mais pintas nele do que na mão de um velho.

Não olhei. Não queria ver a mão dele. Era um homem velhíssimo, como quase morto. Pelo menos setenta anos ou mais, mas parecia estar bem. O hálito dele, hálito de velho. Pus as mãos em concha no vidro e afastei-me um bocado, como se fosse só para ter um ângulo de visão melhor.

Que idade tens? perguntou ele.

Doze.

És uma menina muito gira. Porque não estás com as tuas amigas, ou com a tua mãe?

A minha mãe está a trabalhar. Estou à espera dela. Vem-me buscar às quatro e meia ou cinco, depende do trânsito.

Nesse momento o peixe levantou ligeiramente uma barbatana, exatamente como dedos dos pés destacando-se de uma rocha, levemente pálida por baixo.

As nossas pernas e braços são barbatanas, disse eu. Olhe para as dele. Quase como dedos dos pés agarrados ao rochedo.

Uau, disse o velho. Mudámos tanto que já não nos reconhecemos a nós próprios.

Olhei então para ele, para o velho. A pele salpicada como a do peixe, o cabelo a cair para um dos lados da mesma maneira que a barbatana de cima deste peixe se curvava sobre os ovos. Boca numa careta, os lábios para baixo. Olhos pequenos enterrados debaixo dos papos de pele enrugada, camuflagem, esquivando-se. Via-se que estava com medo.

Porque está aqui? perguntei.

Só para ver. Não tenho muito tempo.

Bem, pode ver o peixe comigo.

Obrigado.

O peixe-sapo não flutuava acima dos rochedos. Agarrava-se a eles. Dava a impressão de que iria fugir a qualquer momento, mas não se tinha mexido senão para reajustar os dedos dos pés. Aposto que ali

dentro está quente, disse o homem. Água tropical. Indonésia. Uma vida inteira rodeado de água quente. É como nunca sair do banho.

Exatamente.



Outro peixe estranho passou a flutuar mais acima de nós, como uma renda num padrão leopardo com as pintas estiradas. Um tipo de peixe de barbatanas transparentes e sem forma definida, apenas a forma de um borrão.

Peixe-sapo estriado, disse o homem. Um primo do outro. O nome latino dele fala numa antena.

Onde está a boca, ou o olho, ou o resto?

Não sei.

Como é que podem dizer que isto é sequer um peixe?

Perguntas bem.

Que idade tem você?

O homem fez um sorriso. Até parece que estás a perguntar como é que eu posso sequer ser considerado um humano.

Desculpe.

Não faz mal. Tenho de admitir que até eu me pergunto o mesmo. Se mal posso andar, e estou só, e deixei de ser reconhecível, a minha cara nada que ver com o que era antes, com todas as partes dela a esconderem-se, de tal modo que até eu sou uma surpresa para mim próprio, será que se pode chamar a isso a mesma coisa que se chamava antes? Não será uma coisa diferente? E se mais ninguém o vê, será que é alguma coisa?

Desculpe.

Não. É uma pergunta interessante, uma pergunta em que devíamos pensar os dois. Gostaria muito. Podíamos pensar se ele é um peixe e se eu sou um humano.

Bem, tenho de ir. São quase quatro e meia, a minha mãe deve estar a chegar.

A que horas vens cá amanhã?

A escola acaba às três menos vinte. Por isso devo estar aqui por volta das três e um quarto.

Em que escola andas?

Na Gatzert.

Não é muito longe para vir a pé?

É. Bem, adeus. Afastei-me a correr através daqueles corredores escuros bordejados de luz. O aquário dava a impressão de estar debaixo de água, um submarino a uma profundidade tremenda.

E a seguir emergia no átrio e de um momento para o outro vi-me num mundo diferente, as nuvens brilhantes de um pôr do sol de Seattle, umas quantas manchas alaranjadas no cinzento, ruas molhadas. A neve tornava-se um lamaçal preto e castanho, à espera de se transformar em gelo. A minha mãe ainda não tinha estacionado junto ao passeio.

Enfiei o casaco e corri o fecho. Adorava a sensação de ter duplicado de tamanho. Puxei o capuz por cima da cabeça, de pele falsa. Era quase invisível.

A minha mãe raramente chegava às quatro e meia. Eu tinha de ficar sempre à espera, mas tinha muito tempo para observar os carris do comboio do outro lado da rua e os viadutos mais além. Grandes chapas de cimento escuro no céu, o mundo envolto em ligaduras. Podia-se ir daqui para norte e para sul, e nós íamos sempre para sul. A rua chamava-se Alaskan Way, Caminho do Alasca, mas nunca fomos nessa direção.

Camiões e carros sem fim, betão e ruído e frio, nada parecido com o mundo dos peixes. Que nunca sentiam vento. Nunca tinham sentido frio nem visto neve. Mas tinham de estar à espera. Não faziam outra coisa senão esperar. E que viam eles no vidro? Será que nos viam a nós, ou apenas os seus próprios reflexos, uma casa de espelhos?

Quando fosse grande ia ser ictiologista. Ia viver na Austrália ou na Indonésia ou em Belize ou no Mar Vermelho e passar a maior parte do dia debaixo da água naquela mesma água quente. Um tanque de peixes estendendo-se por milhares de milhas. O problema com o aquário era que não podíamos ir para o pé deles.